

Svobodová, Iva

Estilística e a sua posição dentro do contexto da linguística portuguesa

Études romanes de Brno. 2008, vol. 38, iss. 1, pp. [57]-67

ISBN 978-80-210-4701-3

ISSN 0231-7532

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/113522>

Access Date: 20. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

IVA SVOBODOVÁ

ESTILÍSTICA E A SUA POSIÇÃO DENTRO DO CONTEXTO DA LINGUÍSTICA PORTUGUESA

Evolução da estilística dentro do contexto europeu

Apesar de esta disciplina ter as suas raízes num longínquo passado, sendo que se fala dela como sobre a base da Retórica Aristotélica, definida como arte, arte de argumentar e de discursar, arte de persuadir através do discurso, poderíamos constatar, que no âmbito da Linguística Geral, a sua posição se afirmou mais visivelmente só no século XIX. Só neste período é que a Estilística se tornou parte da antropologia, que estuda a cultura através dos meios da linguagem. Neste período a linguística teve um cunho histórico, limitando-se a procurar respostas às questões concernentes, entre outras, à evolução das línguas, à classificação genética das línguas indo-europeias, aos problemas da fonética acústica. Só no âmbito da antropologia linguística é que se começou a pôr em enfoque o estudo e a investigação de factores exteriores do uso da linguagem, o que provam, por exemplo, as opiniões de Wilhelm Von Humboldt e do seu aluno, Heymann Steintal, representantes do romantismo germânico, que afirmavam que a linguagem cria o pensamento e forma o espírito nacional, e que apontavam para o facto de existirem variedades linguísticas que reflectem as mentalidades das diferentes nações e sublinhando, também, a importância da linguagem individual que reflecte o mundo interior do falante.

Nos finais do século XIX, quando foi fundada a Escola Psicológica e Sociológica Francesa, o interesse pelos factores exteriores do uso da língua levou a estudos complexos das condições fisiológicas e psicológicas da evolução das línguas. Um representante da dita escola, Antoine Meillet, elaborou uma análise de todas as possíveis influências que os factores sociológicos exercem na criação de uma língua (como por exemplo a relação existente entre a hierarquia das classes sociais e os estilos linguísticos), definindo a língua como um conjunto de diferentes estilos, produto de diferentes ambientes sociais (entre outros menciona a linguagem de rua, a linguagem administrativa, militar, etc.). O facto de a linguística começar a estudar a língua também deste ponto de vista contribui a que os linguistas franceses se começarem a orientar não só para a estilística clássica

(chamada também estilística literária), mas também para a estilística social, concentrando-se nos estudos dos estilos linguísticos de diferentes ambientes sociais. Henri Delacroix, na sua obra “Le langage et la pensée” (1924), faz uma ainda mais detalhada classificação dos estilos linguísticos, dividindo-os em individual, colectivo e geral incluindo, dentro dos objectivos da estilística, o estudo de todos os meios expressivos que se desviassem de qualquer maneira da norma gramatical, explicando tais desvios como consequência das influências dos factores psicológicos e sociológicos.

Entre os defensores da Estilística como de uma disciplina autónoma, pertence também Joseph Vendryès, representante da linguística afectiva, Hugo Schuchardt, representante da Escola de “palavras e coisas”, Benedetto Croce, Karl Vossler, e outros que reconhecem como relevante a ligação existente entre o mundo interior, psicológico, das pessoas e a língua que o reproduz, sendo a linguagem comparada a um espelho que reflecte a essência do homem e sendo o estilo caracterizado como uma expressão individual do ideal estético do homem.

Estas tendências evolutivas da Linguística foram enfraquecidas, nos anos cinquenta do século passado, pela influência do modelo generativo de Noam Chomski, sobretudo pela sua teoria do mecanismo inerente da aprendizagem e utilização da língua, modelo que acabou por se tornar marginal uma década mais tarde, por só ter estudado frases isoladas, sem tomar em consideração tais factores pragmáticos do processo de comunicação como são, por exemplo, a relação entre o falante e o ouvinte, a influência do contexto e da situação na criação do discurso, etc., razão, pela qual a linguística, nos fins dos anos sessenta, vive uma importante reviravolta pragmática começando a acentuar todos os possíveis factores pragmáticos do processo de comunicação.

Aos acima mencionados adicionemos ainda outros factores, como o tipo do contexto, o conhecimento dos participantes do diálogo sobre o tema do discurso, as condições sociais dos participantes, a relação de superioridade ou inferioridade entre os participantes do diálogo, o tempo e o ambiente do discurso, etc., ou seja, factores extra linguísticos que conduziram ao nascimento de outras disciplinas, como sociolinguística, neurolinguística, linguística textual, linguística cognitiva, disciplinas que com a linguística colaboram estreitamente.

A Estilística e o seu lugar na Linguística Portuguesa

Apesar de a base da linguística portuguesa parecerem sido posta no intransigente modelo do estruturalismo e do generativismo, outras disciplinas macro-linguísticas, como a psicolinguística, linguística cognitiva, pragmática, comunicação verbal, e semântica, etc., também constituem uma parte importante dela. Não obstante, à base dos materiais acessíveis permitimo-nos constatar que a Estilística parece representar, no âmbito da Linguística Portuguesa, uma área antes marginal. Esta nossa conclusão baseia-se, entre outros, na comparação do sistema terminológico e das análises estilísticas existentes e profundamente elaboradas

na linguística eslava e na linguística portuguesa a qual, raramente, se ocupa de uma investigação profunda dos componentes ou factores estilísticos. Mas apesar disso, se podemos constatar que a Estilística pode ser percebida como uma das vertentes linguísticas existentes no contexto da linguística portuguesa, é pelo facto de terem sido publicadas várias (embora poucas) obras que estudam a língua a partir de diferentes factores estilísticos. Trata-se ou de obras que se inspiraram fortemente em teorias que já tinham sido publicadas e introduzidas noutros países ou de obras traduzidas para o português. Tanto umas como outras, apesar de não terem contribuído com nada de novo a esta disciplina, pelo menos visualizaram, ou apontaram para a existência desta disciplina linguística o que permite a possibilidade de os falantes das línguas eslavas estudarem e perceberem a língua portuguesa, também do ponto de vista estilístico.

Nos anos quarenta e cinquenta do século passado são publicadas três obras essenciais que podem ser consideradas como obras pioneiras que encaram a estilística de maneira diferente, destacando, cada uma delas, diferentes pontos de vista do uso estilístico da linguagem. *Estilística da língua portuguesa*, de Manuel Rodrigues Lapa, publicada pela primeira vez em Lisboa, em 1945, *Le style et ses techniques*, de Marcel Cressot, autor e tradutor desta obra (a tradução para a língua portuguesa foi feita em 1947), e *Contribuição à estilística portuguesa*, de Mattoso Câmara Jr, publicada em 1952, em São Paulo.

Estilística da Língua Portuguesa foi, para os anos cinquenta, uma verdadeira inovação dentro do contexto da linguística portuguesa (não geral) no sentido de Lapa defender a opinião de que também a língua falada, viva e espontânea dispõe de um sistema de meios expressivos colocando em oposição duas linguagens: a intelectual e sentimental.

“Em presença das coisas, o nosso espírito reage da seguinte maneira: ou as percebe ou as sente. Quase sempre estas duas operações, a percepção e o sentimento andam ligadas, mas, por via de regra, em proporções diferentes. Praticamente há objectos que despertam mais a nossa inteligência, outros que chocam mais a nossa sensibilidade. Assim, também as palavras: uma têm uma dominante afectiva, outras uma dominante intelectual”¹.

Lapa é fortemente influenciado na sua obra pela terminologia e pelos métodos de Charles Bally, que estuda exclusivamente a língua falada, divide as impressões emocionais que os meios expressivos podem evocar em impressões naturais (evocadas pelos meios expressivos que denotam tristeza, admiração, respeito, despeito, etc.) e impressões evocativas (evocadas por aqueles meios expressivos que apontam para uma certa classe social ou para um período).

Mas nem em tudo Lapa concorda com Bally que diz que é necessário fazer uma nítida e rígida fronteira entre a língua falada e a língua escrita, argumentando com a seguinte opinião que o faz aproximar-se mais dos idealistas estéticos, como Vossler e Spitzer:

¹ LAPA, M.R., „Valor sentimental e intelectual das palavras“, *Estilística da língua portuguesa*, pp. 30–31.

“...até mesmo o homem culto tem à sua disposição línguas diferentes, conforme a diversidade das situações em que se vê empenhado. Se encontra um amigo íntimo, um camarada de escola, emprega uma linguagem livre, salpicada aqui e ali de termos populares de forte expressividade. Se lida com pessoas de cerimónia, emprega um vocabulário e uma construção de frases já mais cuidados. Enfim, se é escritor e se senta à mesa de trabalho, já a frase e as palavras são mais rebuscadas, menos correntes, menos naturais.”²

O livro *Le style et ses techniques*³, veicula-nos a comparação do uso de todos os possíveis meios expressivos nas línguas francesa e portuguesa. Cressot, paralelamente com Lapa, baseia-se na opinião de que o objectivo da Estilística não deve incluir só o estudo da língua falada mas também da língua escrita, literária, uma vez que ela nos oferece uma rica variedade de meios expressivos. Elabora muito mais profundamente a parte teórica, elevando a relação existente entre o pensamento e o discurso, definindo os objectivos da Estilística e sugerindo os processos que deviam ser aplicados na análise estilística. Em princípio, trata-se de uma obra pioneira no sentido de, em Linguística portuguesa, ela oferecer uma teoria estilística mais profunda em todos os possíveis planos linguísticos. Contribui para o estabelecimento mais firme desta disciplina que estava, na mesma altura, alicerçando a sua firme posição em França, onde os estudos estilísticos já abordavam tais problemáticas como a variedade do texto, uso dos meios expressivos de acordo com o cunho da comunicação, diferenças existentes entre diferentes tipos de linguagens (linguagem das crianças e dos adultos, a linguagem doméstica e solene, a linguagem universitária, espontânea e formal), e onde a Estilística já era percebida como a disciplina linguística cujo objectivo era seleccionar os meios linguísticos de acordo com o tipo de linguagem, com o objectivo de assegurar o maior efeito possível do acto da comunicação.

Cressot não defende univocamente a opinião de que aos meios expressivos se devessem atribuir afectos psicológicos, porque tal atribuição resultaria muito relativa, uma vez que seriam negados dois princípios da Estilística: um princípio que consiste em que não é possível estudar bem as emoções só no âmbito das formulações existentes que temos à disposição, e um segundo princípio de a expressão das emoções não depender só das reacções do utilizador da linguagem mas também das suas capacidades linguísticas e do cunho da comunicação. As emoções só podem ser exprimidas nos matizes qualitativos e quantitativos que sabemos exprimir no material linguístico, com o qual somos equipados. Apesar disso, Cressot não se insurge contra o estudo das relações existentes entre o mundo exterior e interior, colocando em relação dicotómica duas vertentes artísticas que têm uma relação directa com a linguagem: expressionismo e impressionismo:

A frase expressionista é uma frase meditada, preocupada com a ligação de factos às suas causas e consequências. Daqui podemos prever uma frase longa, rica em subordinadas, rigorosamente articulada. Além disso, dado que o pensamento atingiu a sua maturidade e estando os seus elementos rigorosamente classificados e amalgamados, teremos uma frase contínua, de desen-

² LAPA, M.R., *Estilística da língua portuguesa*, p. 45.

³ CRESSOT, Marcel, *O Estilo e As Suas Técnicas*.

volvimento regular, sem quebras, donde a sequência progressista e, em ...há finalmente uma preponderância do ritmo concordante, o mais adequado à sugestão de equilíbrio, de unidade dos factos e do pensamento que os organiza.⁴

O impressionismo, recusando o estabelecimento de relações de causa e efeito, tenderá, naturalmente, para uma frase curta: há uma justaposição de factos à medida que vão subindo à consciência, e a cada um corresponde uma individualidade, donde uma linha descontínua, a que se chamou pontilhismo, e frequentes discordâncias rítmicas, ...As frases longas também são certamente utilizadas: a ultrapassagem do quadro inicial e a ausência de estrutura rigorosa darão testemunho da mesma tendência.⁵

Com uma semelhante divisão da língua e com a influência do contexto no discurso deparamo-nos também na obra de Mattoso Câmara Jr *Contribuição à estilística portuguesa*, (1952). O autor parte da divisão tripartitiva das funções de língua, definidas por Karl Bühler como função representativa, correspondente ao que é chamado a língua intelectual, a função expressiva que consiste em exprimir e saber exprimir os estados de alma, e a função apelativa que consiste no facto de o falante tentar obrigar o ouvinte a exercer um determinado acto. Mattoso Câmara, opostamente a Cressot, considera a Estilística como disciplina que “estuda a língua como meio de exprimir estados psíquicos (expressão) ou de atuar sobre o interlocutor”.⁶ Câmara considera a linguagem como um acto individual, como um instrumento de exteriorização não só do intelecto (do mundo objectivo) mas também do mundo interior não polemizando sobre o limite de tal exteriorização causado pelas competências e performances do falante “... ajunta-se-lhe espontaneamente a exteriorização do estado d’alma em que tais representações (do mundo interior e exterior) nos lançam, e o impulso de fazer o próximo partilhá-lo conosco”⁷.

Câmara reserva à Estilística três funções:

- 1) caracterizar, de maneira ampla, uma personalidade, partindo do estudo da linguagem;
- 2) isolar os traços do sistema linguístico, que não são propriamente coletivos e concorrem para uma como que língua individual;
- 3) concatenar e interpretar os dados expressivos, determinados pela Kundgabe e pelo Appell, que se integram nos traços da língua e fazem da linguagem êsse conjunto complexo e amplo de enérgia psíquica.⁸

Também nesta obra deparamos com os estudos estilísticos em diferentes planos: fonético, lexical e sintáctico.

No âmbito da Estilística fónica são destacadas as chamadas “tonalidades afectivas”, que nos ajudam a exteriorizar o nosso estado de alma e que são usadas

⁴ CÂMARA, Mattoso, Jr., *Contribuição à estilística portuguesa*, São Paulo 1952, pp. 19–20.

⁵ Ibidem, pp. 19–20.

⁶ Ibidem, p. 5.

⁷ Ibidem, pp. 19–20.

⁸ Ibidem, p. 26.

em poesia a propósito de exprimir clareza, força, escuridão e outras impressões. Entre outros meios expressivo-estilísticos menciona as diferentes qualidades vocálicas, a colocação do acento no lugar das vogais átonas:

“...de um lado, (a estilística fónica) pode dar tonicidade a uma partícula átona, em que se concentra a emoção ou o impulso volitivo (...) de outro lado, pode elevar a tónica plena uma sílaba feita subtónica pela sua posição no sintagma: Um belo livro!, com a força de emissão de be- em predomínio sobre a de li- numa inversão do ritmo acentual progressivo.”⁹

J. M. Câmara menciona, entre outros factores que influem no discurso estilisticamente matizado, diferentes possibilidades de realizações consonânticas e vocálicas, introduzindo na linguística portuguesa o termo “forma marcada” e “não marcada” (a realização laringal de r- no início de uma palavra, realizações dialectais e regionais do -s final, de b e v iniciais, válidas não só no contexto do português do Brasil mas também no contexto do português europeu, onde tais variantes surgiram ao longo da evolução da língua portuguesa e que são evidentes, sobretudo, nas partes fronteiriças).

O seu objectivo, não obstante, é aplicar o termo “a variante marcada” ao estudo das capacidades vocálicas e consonânticas de exprimir diferentes estados de alma, mencionando, por exemplo, uma implosão mais intensiva da realização do b no início de uma palavra que exprime um certo grau de impaciência e nervosismos, e outros, facto, pelo qual se afasta da Escola de Praga:

“...o valor dos fonemas podem evocar estados d’alma, aspectos naturais concretos ou concepções abstractas, como, entre muitos outros, os sentimentos de cólera, admiração, dor, melancolia, as sensações de arrepio, roçamento, ronco, estalo, ou as idéias de fluidez, lentidão, peso, amplitude, tenuidade.”¹⁰

Quanto à Estilística lexical, salienta a importância das palavras emocionalizadas, as chamadas “loaded words”, acentuando o carácter polissémico da palavra que pode apresentar duas funções: a informativa e expressiva: “A função informativa (...) procura empregar (as palavras) de maneira a reduzi-las ao seu significado neutro. A expressividade, ao contrário, faz delas instintivamente cabos eléctricos de mais alta tensão.”¹¹ Na parte dedicada à Estilística sintáctica estuda diferentes valores estilísticos das construções sintácticas.

Nos anos sessenta são publicadas duas obras essenciais que se dedicam ao estudo estilístico da língua portuguesa: *Gramática secundária da língua portuguesa*, de M. Said Ali¹² que se limita a abordar diferentes construções sintácticas estilisticamente activas, e *Linguística e estilo*¹³ que oferece ao leitor processos

⁹ CÂMARA, Mattoso, Jr., *Contribuição à estilística portuguesa*, São Paulo 1952; p. 49.

¹⁰ *Ibidem*, p. 49.

¹¹ *Ibidem*, p. 26.

¹² ALI, M. Said, *Gramática secundária da língua portuguesa*, São Paulo 1964.

¹³ *Linguística e Estilo*; autoria colectiva de Nils Erik ENKVIST, John SPENCER e Michael J. GREGORY, obra traduzida por Wilm A. Assis, São Paulo 1964.

metodológicos da análise estilística, sublinhando a importância do contexto e da sua influência na selecção dos meios estilísticos e na sua organização e fazendo diferença entre a micro-estilística (que estuda os níveis micro-linguísticos) e macro-estilística (que estuda os níveis macro-linguísticos, ao quais pertencem os factores estilísticos exteriores, como são o tempo e o lugar do discurso, relação entre os participantes do diálogo, predicabilidade ou impredicabilidade contextual dos itens linguísticos).

É aqui pela primeira vez que encontramos o termo “marcador de estilo”, introduzido pela Estilística funcional praguense, que corresponde aos componentes que estão em oposição com os componentes estilisticamente neutrais, componentes esses que são usados conforme os chamados factores pragmáticos ou conforme a motivação extra-linguística.

Os anos setenta são influenciados ainda mais pela estilística funcional e estruturalista. Aparecem pela primeira vez as traduções das obras de importantes personalidades como são Roman Jakobson *Linguística e comunicação*¹⁴, ou Michael Riffaterre *Estilística estrutural*¹⁵, cujas influências são evidentes, embora não incluídas na bibliografia da *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*¹⁶, da autoria de Eurico Back e Geraldo Mattos¹⁷. Além de ser acentuada a função comunicativa da língua tanto falada como literária (porque é esta que nos oferece uma ampla escala de situações em que são utilizados diferentes meios linguísticos expressivos e impressivos) e poética, o estilo é aqui definido, analogamente como na estilística francesa, com base dos desvios à norma, constituindo a norma a “língua zero, neutra”. Semelhantemente à classificação estilística elaborada por J. Câmara, também aqui nos deparamos com uma semelhante divisão concernente ao contexto que pode ser de dois tipos: o micro contexto (que talvez possa ser comparado com o contexto verbal) e o macro contexto (compare-se com o contexto extraverbal): o micro-contexto que representa um certo processo estilístico interno (verbal), no âmbito do qual o efeito estilístico é conseguido pela predicabilidade e impredicabilidade dos elementos num macrocontexto, que é percebido como um mecanismo exterior estilístico (extraverbal) que ora pode intensificar o efeito estilístico do micro-contexto, ora atenuar, eventualmente liquidar o efeito estilístico.

A função estilística consiste, portanto, na valorização das palavras e das expressões, que em circunstâncias normais não chamariam especial atenção, mas usados em contextos diferentes podem ser estilisticamente activos (relevante também é a reacção do recipiente que atribui aos sinais linguísticos os próprios valores). Para conseguir um efeito estilisticamente activo são usados os meios estilísticos pares e ímpares. Os elementos pares são os que podem ser encontra-

14 BLIKSTEIN, Izidoro, *Linguística e comunicação*, São Paulo 1970.

15 RIFFATERRE, Michael, *Estilística estrutural*, traduzido por Daniel Delas, São Paulo 1973.

16 *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*, obra colectiva de Eurico BACK e Geraldo MATTOS, São Paulo 1972.

17 *Ibidem*.

dos no eixo sintagmático (os elementos verbais), os elementos ímpares são os que podem ser encontrados no eixo paradigmático (todos os elementos supra-segmentais).

Na Gramática Construtural são acentuadas as necessidades de conhecer, incondicionalmente, as características construturais: ou seja, características morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais dos sinais linguísticos. A construtura de uma palavra ou de um discurso inclui tanto a sua “construção” (características morfo-fonológicas), como a sua “estrutura” (características sintáticas), e as suas características lexicais e semânticas. Estes estudos construturais predeterminam o carácter dedutivo da estilística construtural.

A pesquisa estilística tem sido indutiva, em todos os trabalhos realizados até o presente: partem de vários estilos pessoais e pretendem atingir o estilo social; comparam vários estilos de época e tentam desembocar no estilo de língua, evidentemente intuído pelos vários tratadistas que abordam o problema estilístico. A nossa técnica nos proíbe o método indutivo: pela primeira vez, uma língua de grande civilização possui desvendadas as suas construturas lexicais e semânticas e nos permite o exame estilístico dedutivo, principiando pelo estilo de língua.¹⁸

Nos anos oitenta é publicada a obra *Análise de comunicação, Estilística a análise textual*¹⁹, a qual parte da função comunicativa da língua e dos seus componentes: o contacto ou contexto verbal, contexto extraverbal, mensagem, canal e código. O efeito estilístico é conseguido por meio dos recursos estilísticos usados de acordo com a função da língua (entre outros recursos estilísticos mencionemos: aliteração, palavras onomatopaicas, ritmo, rima, metonímia, alegoria, eufemismo, disfemismo, ironia, hipérbole).

Entre as principais funções comunicativas são aqui consideradas:

- a função informativa ou referencial que parte do contexto extraverbal e que aponta para o espaço exterior (tempo e lugar) da língua,
- a função poética que acentua o conteúdo e forma da mensagem,
- a função expressiva que parte do auto-discurso do falante e da exteriorização das suas emoções,
- a função apelativa que exprime a intenção de influenciar o ouvinte, de o obrigar a executar algum acto,
- a função metalinguística que acentua a forma própria da língua utilizada.

Esta obra oferece-nos também a divisão linguística horizontal geográfica, dialéctica e funcional da língua (linguagem padrão, linguagem falada, profissional, social).

¹⁸ Eurico BACK, Geraldo MATTOS, *Gramática Construtural*, Sao Paulo 1972, pp. 725.

¹⁹ *Análise de comunicação, Estilística a análise textual*; obra colectiva de Maria Beatriz FLO-RIDO, Maria Emília DUARTE DA SILVA, Joaquim FONSECA, Porto 1981.

O carácter eclético da estilística

Apesar das publicações acima mencionadas, e das tentativas de estudar os factores estilísticos da língua escrita e falada, evidente, por exemplo, nas obras recém publicadas, como o *Livro de Estilo*²⁰, que explica os princípios éticos e deontológicos do jornalismo ou *Teoria de Comunicação*²¹, que explica as estratégias de comunicação nos mass-média, etc., a Estilística como se perdesse no meio da longa série de disciplinas linguísticas. Em comparação com a posição que a Estilística ocupa noutros países europeus, a Estilística portuguesa pede emprestado o “sistema terminológico” doutras disciplinas: da comunicação verbal, análise textual, linguística quantitativa, linguística pragmática, teoria dos actos de fala, psicolinguística, neurolinguística, linguística quibernetica, filisofia de língua, etc., disciplinas que, evidentemente, manifestam uma posição muito mais forte dentro do contexto da linguística portuguesa.

Comparação da terminologia estilística nas línguas checa e portuguesa

Em ambos os casos, a Estilística está ligada com a função comunicativa da língua, com a selecção dos meios expressivos por meio do desvio à norma, com a variedade linguística, com o estilo colectivo ou individual da língua.

Enquanto que no contexto checo, por longos anos predominou a estilística funcional com base na classificação funcional das línguas estabelecida por Havránek nos anos 30–40 do século passado, no contexto português tal divisão formal das línguas como se não existisse.

As duas linguísticas, não obstante, compartilham pontos em comum. Em ambos os contextos, a estilística é dividida em duas ciências: linguística e literária, o que comprova a definição desta disciplina no *Dicionário da língua portuguesa contemporânea* ou como “3. Ramo da linguística que estuda os valores afectivos dos meios expressivos e dos processos de estilo de uma língua.” Ou como “4. Liter. Estudo científico do estilo nas obras literárias de um autor, de um género ou de um período literário.”²²

Enquanto que no contexto checo, a estilística está a ser percebida antes como estilística linguística (ou estilística dos meios expressivos) que se aproxima muito da sociolinguística e da linguística textual, no contexto português (ou românico) podemos constatar que está a predominar a vertente literária (que corresponde, talvez, na linguística checa com a Poética), concentrada nos estudos da classificação dos géneros, especificidades de autores e de obras, embora haja aspectos em

²⁰ *Livro de estilo*, Lisboa, Público-Comunicação Social, AS 2005.

²¹ Wolf MAURO, *Teoria de Comunicação*, Lisboa 2003.

²² *Dicionário da língua Portuguesa Contemporânea*, Academias da Ciências de Lisboa, I volume, p. 1579.

que esta se apresenta estreitamente ligada com a linguística: estudo de diferentes estruturas sintácticas, da riqueza do vocabulário, etc.

O motivo de acentuarmos a posição da Estilística é o facto de ela, além de poder explicar diferentes usos dos meios expressivos, poder ser percebida como uma disciplina linguística autónoma. Na obra do linguista eslovaco Ján Findra, “Štýléma a paradigmatica štylistiky”²³, a autonomia desta disciplina é justificada pela estrutura complexa da unidade estilística chamada “o estilema”, termo que no contexto da linguística portuguesa não existe, sendo exclusivamente relacionado com a literatura: encontramos-lo ligado com os nomes próprios: estilema queiro-siano, lispectoriano, estilema camoniano, e por mais que procuremos, encontramos apenas uma única definição existente do termo estilema: “Marca distintiva do estilo de um autor, quer seja determinada pelo gosto da época a que pertence esse autor quer seja uma invenção singular a nível formal e/ou linguístico”²⁴.

Não obstante, nos estudos checos referidos à problemática da disciplina, o estilema é definido e encarado mais profundamente: pode ser qualquer elemento, tanto do “valor intelectual” como do “valor sentimental” da palavra, não predicável num determinado contexto, ou seja, um elemento estilisticamente activo que chama a atenção do ouvinte e que se acentua num fundo estilisticamente neutral. O estilema pode ser dividido em expressivo-emotivo (chamado pragmema, ou componente pragmático) ou informativo (chamado informema ou componente informativo). Por outras palavras, num texto (ou discurso) infantil, uma palavra infantil pode ser percebida como estilisticamente passiva (pode ser considerada como informema – num fundo estilisticamente neutral não se salienta nem a sua forma nem o seu significado), e ao contrário, num discurso formal, a mesma palavra infantil pode resultar estilisticamente activa construindo um componente pragmático.

Daí se infere que as palavras, isoladamente, não conseguem ser estilemas. As palavras podem tornar-se marcadores de estilo distintivos e não distintivos dentro de um contexto, sendo que participam no perfil estilístico do texto. Analogamente à divisão vertical da língua, poderíamos traçar uma estrutura vertical do estilema que consiste no facto de ele poder existir a todos os níveis linguísticos verticais: fónico, lexical, morfológico, sintáctico e semântico, sendo a função do estilema desempenhada, respectivamente, pelo fonema, lexema, morfe, sintagma e sema, que, do ponto de vista pragmalinguístico, podem assegurar tanto a base informativa do discurso como a sua emocionalização.

Com base no cunho estrutural do estilema apoia-se a nossa convicção de que a Estilística podia existir, também dentro da linguística portuguesa, como uma disciplina autónoma, já que apresenta tanto a sua hierarquia vertical (camadas linguísticas) como horizontal (diferentes tipos de linguagens classificados segundo os factores regionais, dialectais, sociais e outros), facto muito importante que possa contribuir a que os estudos de uma língua (tanto materna como estrangeira)

²³ Tradução da obra: „Estilema e a sua paradigmática“.

²⁴ <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estilema.htm>.

não se limitem a estudar apenas a norma gramatical, mas também possibilidades estilísticas da língua tanto falada como escrita.

Bibliografia

- ASSIS, Wilem A., *Linguística e estilo*, São Paulo, Editora Cultrix 1964.
- BACK, Eurico, MATTOS, Geraldo, *Gramática Construtural da Língua Portuguesa*, São Paulo, Brasil 1972.
- BLIKSTEIN, Izidoro, *Linguística e comunicação*, 4ª edição, São Paulo, Cultrix 1970.
- CÂMARA, Mattoso Jr, *Introdução à Estilística*, São Paulo 1997.
- CEIA, Carlos, *Dicionário de termos linguísticos e literários*,
<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estilema.htm>
- CRESSOT, Marcel, *O Estilo e As Suas Técnicas*, Lisboa, Edições 70 1947.
- CROCE, Benedetto, *Aesthetika vědou výrazu a všeobecnou lingvistikou*, 2 tomos, tradução de Emil Franke, Praga, Otto 1907.
- ČERNÝ, Jiří, *Dějiny lingvistiky*, Olomouc Votobia 1996.
- CHLOUPEK, Jan, *Stylistika češtiny*, Praga SPN 1990.
- Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo 2001.
- FINDRA, Ján, „Štýléma a paradigmatica štylistiky“, em *Sborník prací filozoficko-přírodovědné fakulty Slezské Univerzity v Opavě*, řada jazykovědná, (D2) 2002.
- FLORIDO, Maria Beatriz, DUARTE DA SILVA, Maria Emília, FONSECA, Joaquim, *Análise de comunicação, Estilística a análise textual*, Porto, Porto editora 1981.
- HILL, A. Archibald, *Intoduction to Linguistic Structures*, Nova Iorque 1958.
- HOFMANOVÁ, Jana, *Stylistika a...*, Trizonia, Praga 1997.
- Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho 1996.
- KISELOVOVA, A., *Voprosy teorii revecogo vozdejstvija*, Leningrado, Izdat. Leningrad 1978.
- LAPA, M. R., *Estilística da língua portuguesa*, Coimbra, Editora Limitada 1984.
- Livro de estilo*, Lisboa, Público-Comunicação Social 2005.
- MILIČKOVÁ, Ladislava, „La place de la stylistique dans la linguistique francaise contemporaine“, *Stylistické bibliografie, studie stylistiky*, www.phil.muni.cz/stylistika/francouzskahtml.
- MISTRÍK, Jan, *Štylistika*, Bratislava, SPN 1985.
- RIFFATERRE, Michael, *Estilística estrutural*, tradução de Daniel Delas, São Paulo 1973.
- WOLF, Mauro, *Teoria de Comunicação*, 8ª edição, Lisboa, Editorial Presença 2003.

